

COSTA MATOS lança “Na Trilha dos Matuiús” *

Na *Crônica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil*, obra de 1663, o padre Simão de Vasconcelos dá testemunho de que, na época, falavam em “nacões monstruosas”, moradoras no Brasil daqueles tempos. Uma delas “é casta de gente que nasce com os pés às avessas, de maneira que quem houver de seguir seu caminho há de andar ao revés do que vão mostrando as pisadas; chamam-se Matuiús”. Tendo por base essa lenda, José Costa Matos escreveu um livro de contos com o título *Na Trilha dos Matuiús*. Segundo Francisco Carvalho, um livro onde o cenário das histórias “são as pequenas cidades do interior, onde os acontecimentos, de natureza doméstica, política ou moral, assumem geralmente dimensões inesperadas”. Em entrevista ao Caderno 3, José Costa Matos fala sobre o seu novo livro.

Diário do Nordeste – Por que tão longo recuo no tempo, na busca de um nome para o seu volume de contos?

Costa Matos – Na criação da lenda dos Matuiús, os antigos habitantes desta terra teriam sido proféticos. Porque certas lideranças de hoje parecem ter os pés voltados para trás. Prometem maravilhas no futuro. E fazem rastros que conduzem seus seguidores para o passado. Para uma vida menor. Para a desesperança, o pior de tudo. Muitos brasileiros ficam violentos, ou corruptos, porque estão sem crença no futuro.

– Isso indica que seu livro faz uma denúncia. No seu entendimento, deve a literatura se engajar nas lutas da sociedade?

Costa Matos – Costumo dizer que a literatura não tem dinâmicas para mudar as vertentes da história. Em certas conjunturas, no entanto, o engajamento social é uma alternativa de evitação da

* *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 22 jul. 2000, Caderno 3.

covardia. Temos sofrido por certos equívocos eleitorais. Para serem mais felizes, nossas escolhas devem aprender as lições desses erros. Os rastros dos Matuiús apontam rumos de mentira.

- Num de seus contos, um menino de rua expressa a tragédia da infância desvalida, quando diz pertencer a um grupo que vive "na lei do cão quebra-coco". Com palavra tão forte, porque esse personagem não tem um nome que o segure na lembrança do leitor?

Costa Matos – ... Personagens sem nome... Mas eles são tantos nos meus livros!

- Pode-se ver nisso uma técnica, um artifício narrativo?

Costa Matos – Consciente, não. Embora haja sempre uma vontade de aliciar o leitor. Cada escritor carrega no mundo a alma do comerciante. Este inventou o dia das mães, o dia dos pais, o dia dos namorados para vender presentes. O escritor inventa meios de ficar presente nas lembranças alheias.

- Mas seus personagens sem nome...

Costa Matos – Eles saem dos mundos que descubro dentro deste mundo. Mundos onde a predestinação que inquietou Santo Agostinho ataca muitas pessoas. E elas parecem ter pés de chumbo, esquecidas das próprias asas, esquecidas de sua vocação para a "gloriosa liberdade dos filhos de Deus", lembrada na bela palavra de São Paulo.

- A sociedade falha na educação dessas pessoas? Sua experiência de professor lhe mostra que os estudantes estão perdendo com isso?

Costa Matos – Perdem individualmente e perde o País. Essas pessoas, sem ajuda de uma pedagogia que ensine a grandeza humana, acham excessivo o peso do próprio nome. E para ser fiel à sua verdade existencial, eu lhes dou lugar nos meus escritos com suas renúncias e despojamentos. A sociedade que avalie os próprios prejuízos com a anulação dessa gente sem nomes.

- *Escrevendo nas abas do seu livro, Francisco Carvalho lhe faz, implicitamente, um elogio ambicionado por qualquer ficcionista, isso quando ele parece indeciso em aceitar se seus personagens são "reais ou fictícios, em tudo-semelhantes às criaturas de carne e osso..." "Aqueles personagens de nome forte – Marcelino Calça Preta, Antonio Te-logo e outros – conviveram concretamente com você?*

Costa Matos – Ninguém cria do nada. O escritor deve ter humildade para não se sentir um competidor de Deus. Eu aproveito apelidos definidores de personalidades. A partir daí, crio tipos que vão para onde querem na minha imaginação. Mas nunca escrevi biografias. Até mesmo as cantigas do repentista Vêi Zuca-do-Oi-Só foram compostas por mim. Aliás, eu não o conheci nem como apelido. Por outro lado, eu sei, desde menino eu vi como funciona um repentista de viola.

- *Se o leitor vê a verdade humana no personagem, isso não depende do escritor?*

Costa Matos – Às vezes, parece que o escritor já encontra tudo feito... Só sei que, agora mesmo, estou vendo Carolina Bunda-Alegre e Cesário Capeta fazendo e acontecendo no plano irreal dos seus possíveis. Estou vendo Madrinha Juliana Preta, noite e dia, desdobrando rosários no rumo dos meus sumiços...